

# PEDRO TUDELA & JORGE PINHEIRO

ECOS, RASTOS, RITMOS

---

Galeria Solar da Porta dos Figos  
— Casa do Artista, Lamego

27.JUN —  
02.NOV 2025

**SERRALVES FORA DE PORTAS** OUT OF DOORS

**EXPOSIÇÃO** EXHIBITION

**Organização** Organisation

Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto

**Curadoria** Curator

Joana Valsassina

**Produção e Assistência Curatorial** Production and Curatorial Assistant

Carlos Magalhães

**PUBLICAÇÃO** PUBLICATION

**Texto** Text

Joana Valsassina

**Coordenação** Coordination

Carlos Magalhães

**Edição** Copy-editing

Maria João Teles Grilo

**Tradução** Translation

John Elliott

**Créditos fotográficos** Photographic credits

© Filipe Braga, Fundação de Serralves

**Agradecimentos** Acknowledgements

Pedro Tudela, Jorge Pinheiro

# PEDRO TUDELA & JORGE PINHEIRO

## ECOS, RASTOS, RITMOS

**SERRALVES**

**Pedro Tudela**  
**Sem título (da série >e(c(o<), 2019**



A exposição *ecos, rastos, ritmos* estabelece um diálogo entre a obra de Jorge Pinheiro (Coimbra, 1931) e Pedro Tudela (Viseu, 1962), artistas de diferentes gerações com linguagens e percursos muito distintos, desenvolvidos entre a pintura, o desenho, a escultura e a instalação, que se tocam em pontos-chave. *Ecos, rastos e ritmos* pressupõem relações dialógicas de circularidade, reciprocidade, encadeamento, gradação e contraste. É a partir destes mecanismos de génese relacional que se estrutura esta exposição, revelando como ambos os artistas materializam o som e o silêncio enquanto ponto e linha, objeto e conceito, tempo e espaço.

Concebida em colaboração com os artistas, a exposição apresenta obras de Jorge Pinheiro da década de 1970 em diálogo com trabalhos de Pedro Tudela do final dos anos 1990 até à atualidade. Partindo de estruturas compositivas baseadas em modulações geométricas e sonoras e em notações gráficas e musicais que permeiam a prática dos dois artistas, som e desenho desenvolvem-se a par e passo, enquanto formas de ação e comunicação.

Jorge Pinheiro é reconhecido como uma figura incontornável do contexto artístico português da segunda metade do século xx, integrando o célebre grupo Os Quatro Vintes em 1968, juntamente com Ângelo de Sousa, Armando Alves e José Rodrigues<sup>1</sup>. Ao longo de uma carreira de mais de cinco décadas, Jorge Pinheiro tem vindo a desenvolver um corpo de trabalho visualmente diverso de notável rigor teórico e formal, onde coexistem a pintura figurativa e a abstração geométrica. A sua obra baseia-se em princípios de matemática e semiótica, inspirando-se particularmente na sequência de Fibonacci, segundo a qual cada número sucessivo resulta da soma dos dois números anteriores. Sofisticadas composições

<sup>1</sup> Ângelo de Sousa (Maputo, Moçambique, 1938 – Porto, 2011), Armando Alves (Estremoz, 1935) e José Rodrigues (Luanda, Angola, 1936 – Porto, 2016).

geométricas e padrões de alto contraste cromático surgem aliados a uma aturada exploração de noções de ritmo e seriedade, cujos desdobramentos formais e conceptuais evidenciam o interesse do artista pela música e pela lógica.

A exposição apresenta trabalhos de índole abstrata de Jorge Pinheiro, incluindo desenho, pintura e instalação, que revelam o vocabulário compositivo fundador de toda a sua obra. Na viragem para a década de 1980, o artista regressa à figuração. Contudo, para lá da dimensão poética, metafórica e política da sua pintura figurativa, a rigorosa construção geométrica de génese matemática que rege o seu trabalho abstrato persiste enquanto substrato da composição, demonstrando a profunda coerência conceptual da sua multifacetada produção artística.

Iniciando o seu percurso pela pintura na década de 1980, Pedro Tudela tem desenvolvido uma prática multidisciplinar que combina desenho, escultura, fotografia, instalação, som, vídeo, performance e música eletrónica experimental. Apesar das inflexões formais que marcam diferentes períodos do seu trabalho, a sua primeira exposição individual, intitulada *Desenho/Performance* (1984), durante a qual delineou o seu contorno nas paredes e pavimento da galeria, revelava desde logo aspetos que trespassam a sua obra até aos dias de hoje: um incessante impulso de ação, uma forte sensibilidade espacial e uma relação franca com o corpo, que surge, ora absolutamente presente, ora subtilmente invocado através de um gesto, de um som, desenho ou objeto.

A partir do início dos anos 1990, o som assume um lugar central na prática de Pedro Tudela, que explora a sua plasticidade conceptual, gráfica, matérica e espacial recorrendo a diferentes ações, objetos e mecanismos. Os suportes físicos que dão corpo ao seu trabalho são utilizados funcional e iconograficamente, podendo estar

diretamente associados à produção e difusão sonora, como é o caso de altifalantes, sinos, bobines de gravação, cabos de áudio e pautas musicais que encontramos na exposição; ou simplesmente relacionados com o quotidiano, apropriados e readaptados a um determinado fim, preservando a memória do seu uso comum.

Paralelamente à sua prática artística individual, ao ensino e à cenografia, Tudela mantém desde 2000 uma profícua colaboração com Miguel Carvalhais no âmbito do projeto coletivo @c, que comporta a criação de performances, composições, instalações e edições de música eletrónica e arte sonora aliadas à experimentação com diferentes sistemas computacionais. Na origem desta exposição está precisamente a realização de uma performance deste coletivo<sup>2</sup>, concebida em diálogo com a obra de Jorge Pinheiro, partindo das explorações conceptuais e geométricas que aproximam as suas práticas.

O célebre álbum de gravuras *Quinze ensaios sobre um tema ou Pitágoras jogando xadrez com Marcel Duchamp* (1975), de Jorge Pinheiro, do qual é apresentado um dos desenhos originais, *Sem título* (1972–73), constituiu um fértil ponto de partida para esta exposição, por revelar preceitos de natureza conceptual e formal centrais na prática de Pinheiro que encontram ressonância na investigação artística de Pedro Tudela. Nele Pinheiro explora de forma radical as possibilidades ilimitadas da abstração geométrica, utilizando um conjunto circunscrito de elementos gráficos — pontos, retas e arcos — para criar composições rítmicas construídas a partir da referida sequência de Fibonacci. “Sou quase como

2 Performance do coletivo @c, realizada em colaboração com André Rangel em dezembro de 2022 no Convento Corpus Christi, em Vila Nova de Gaia, no âmbito do festival *Tempos Cruzados* e da exposição *Jorge Pinheiro: Obras da Coleção de Serralves*, patente no mesmo espaço.

um computador”, afirma o artista, “metidos os dados, aceito os resultados”<sup>3</sup>. Ao adotar uma abordagem matemática para a definição da matriz compositiva do seu trabalho, Pinheiro desafia as convenções artísticas associadas à autoria, à liberdade criativa e ao virtuosismo, em linha com as experiências conceptuais que surgiam neste período. O título da obra associa Pitágoras, referência basilar da matemática, a Marcel Duchamp, figura incontornável da arte do século xx, criador do *ready-made*<sup>4</sup>, adepto do automatismo e precursor da arte conceptual, conhecido também como exímio jogador de xadrez — o jogo cerebral por excelência, baseado no cálculo de possibilidades.

Apesar de apresentarem uma cadência distinta, segundo malhas e padrões particulares, os desenhos *Sem título* de 1970 e 1972 deste artista seguem uma estrutura semelhante, definidos por pontos, retas e semicírculos desenhados com lápis ou caneta de grafos, incluindo ainda pequenos autocolantes circulares. A utilização destes minúsculos pontos negros — também eles *ready-made* — não acontece por acaso, sendo valorizado o seu carácter elementar, unitário e indivisível. Tendo como referência a ideia de grafo existencial desenvolvida por Charles Sanders Peirce, Pinheiro reconhece no ponto o signo de “primariedade”, encontrando no seu alfabeto geométrico um paralelo com a estrutura básica da linguagem: “Os elementos mínimos que uso (pontos, arcos de círculo, segmentos de reta), são grafos (...). Talvez funcionem como os fonemas

3 Entrevista a Jorge Pinheiro por Nuno Faria e João Pinharanda, “O Tempo é o Tema”, in *Jorge Pinheiro, 1961 – 2001*, vol. 2, cat. exp., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p. 28.

4 O termo *ready-made* ou, no francês, *objet trouvé* [objeto encontrado] foi cunhado por Marcel Duchamp (Blainville-Crevon, 1887 – Neuilly-sur-Seine, França, 1968) para descrever objetos do quotidiano apropriados pelo artista e apresentados como obras de arte, por vezes sem qualquer alteração.

funcionam na fala.”<sup>5</sup> Esta relação estrutural com a linguagem, escrita e oral, surge como tema recorrente no diálogo entre a obra de Pinheiro e Tudela.

A instalação da série *>e(c(o<* (2019), de Pedro Tudela, apresentada juntamente com estes desenhos, explora desdobramentos semânticos do termo “eco”, enquanto repetição de um som refletido por um corpo e como sufixo que exprime a noção de casa, meio ambiente e ecologia. A importância dada pelo artista às nuances da linguagem é visível desde logo no título da série, que assume uma formulação próxima da poesia visual, espelhando graficamente os efeitos de reverberação do som. A instalação composta por uma guarita e um megafone estabelece uma experiência sensorial, ecoando uma composição sonora produzida a partir de sons de água em queda e aludindo à circularidade de um meio ambiente em desequilíbrio. No interior deste abrigo — lugar de proteção e isolamento — surge suspenso um sino de vidro, objeto presente noutras obras deste artista, cuja sonoridade pendular se aproxima do som puro, representado matematicamente por uma onda sinusoidal simétrica, constante e infinita. Tudela tem explorado a curva senoide da mesma forma que Pinheiro se serve da progressão de Fibonacci: como matriz ilimitada, que rege uma multiplicidade de variações plásticas.

A obra mais recente da exposição, *~~~~~* (2024), apresentada na mesma galeria, associa também a sinuosidade da onda sonora à visualidade da escrita e ao grafismo irregular da natureza. A partir de um pequeno ramo curvo, que o artista utiliza como molde e replica em latão, surge suspenso na parede um tortuoso pentagrama musical, elemento recorrente na obra de Tudela que agrega aspetos centrais à sua prática: o gesto, a composição sonora e o desenho.

5 Jorge Pinheiro, op. cit., p. 30. Charles Sanders Peirce (Cambridge, 1839 – Milford, EUA, 1914) foi um filósofo, linguista e matemático americano, célebre pelos seus contributos nos campos da lógica e da semiótica.

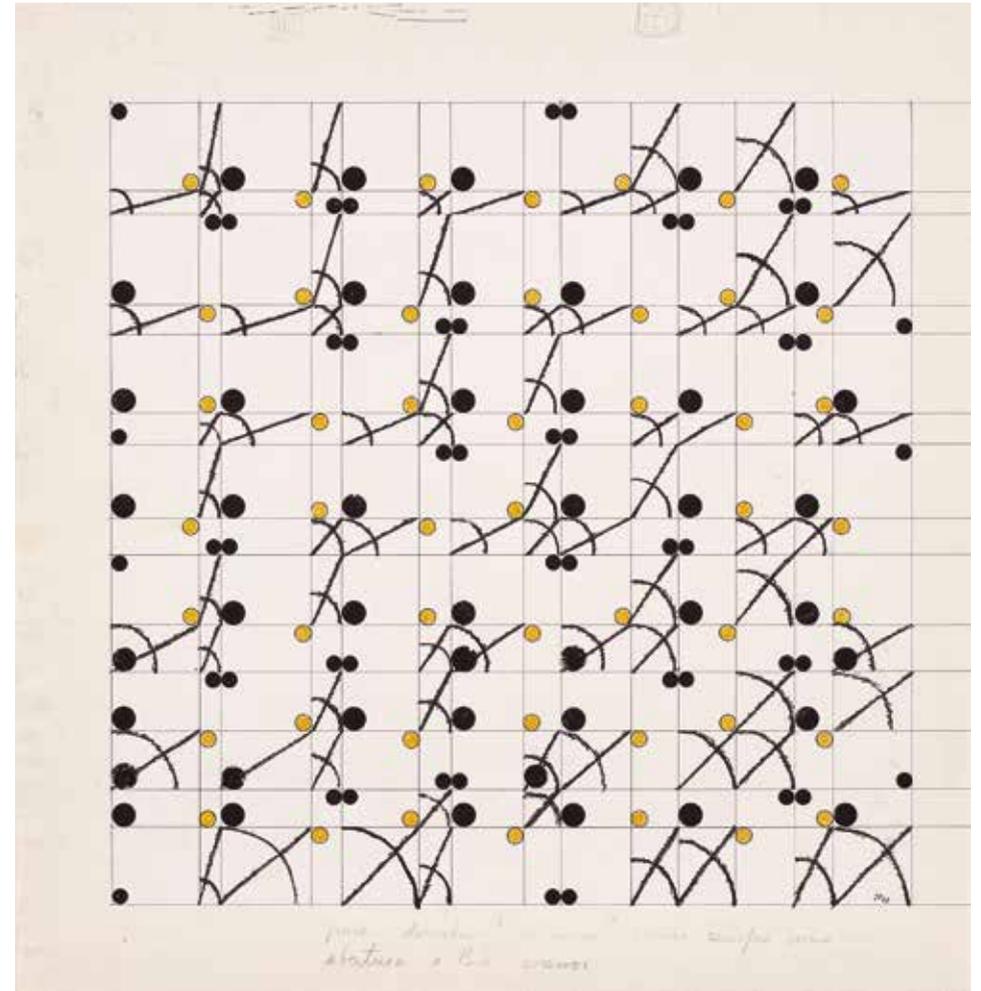
Nos pisos inferiores da Galeria Solar da Porta dos Figos apresentam-se obras que se relacionam com diferentes sistemas de comunicação. Surgindo num importante momento de viragem no percurso de Pedro Tudela, a instalação *Rastos* (1997–98) marca a sua aproximação ao universo sonoro, apesar de se manter ainda em total silêncio. O megafone montado na parede não emite qualquer ruído e as fitas magnéticas que dele se projetam (ou que por ele são absorvidas) estão ainda por gravar, contendo apenas silêncio. *Rastos* une um ponto de chegada e um ponto de partida, sem clarificar origem e destino. Invertendo funções e sentidos, projeta o som enquanto sinal visível e armazena o silêncio, aludindo à cacofonia de um mundo saturado de informação. A pintura *Mensagem Inequivoca VI* (1977), construída ainda segundo a progressão de Fibonacci, surge no final da fase abstrata que marcou o percurso de Jorge Pinheiro durante a década de 1970, num momento em que a sua obra, composta até agora apenas de “fonemas”, começa finalmente “a tentar ‘dizer coisas’”<sup>6</sup>. Estruturas gráficas complexas, formadas pelo encadeamento dos elementos básicos que nos são já familiares, evocam os eixos de coordenadas e abcissas e o movimento dinâmico de composições musicais sem que, contudo, possamos efetivamente decifrar a sua mensagem velada.

Por fim, a exposição integra ainda duas obras que evidenciam o carácter experimental e disruptivo da prática de ambos os artistas. Apresentada em 1977 na célebre exposição *Alternativa Zero — Tendências Polémicas na Arte Portuguesa Contemporânea*, a obra *Partitura para um canto livre* (1976), de Jorge Pinheiro, é composta por sete estantes e pautas musicais dispostas em semicírculo. As partituras contêm apenas um conjunto de fitas perfuradas utilizadas em antigos gravadores de som: tratar-se-á de outra

6 Jorge Pinheiro, op. cit., p. 45.

composição secreta, ou, talvez, de uma mensagem aberta a interpretações, criada num momento de celebração e reivindicação de liberdade. Em *A idade do cacifo* (1997), de Pedro Tudela, ouvimos ruídos de um corpo aprisionado que resiste à clausura em que se encontra. O seu carácter inquietante é imediato, partindo de um jogo de palavras que alude à adolescência para invocar um momento de desconforto e emancipação, e reconsiderar *a arte da fuga*.

No seu conjunto, a exposição revela como o ritmo que anima as obras de Jorge Pinheiro e Pedro Tudela se multiplica enquanto vibração visual e sonora, entre o rigor conceptual e o impulso experimental que caracteriza as suas práticas.



**Jorge Pinheiro**  
**Sem título, 1972**



**Jorge Pinheiro**

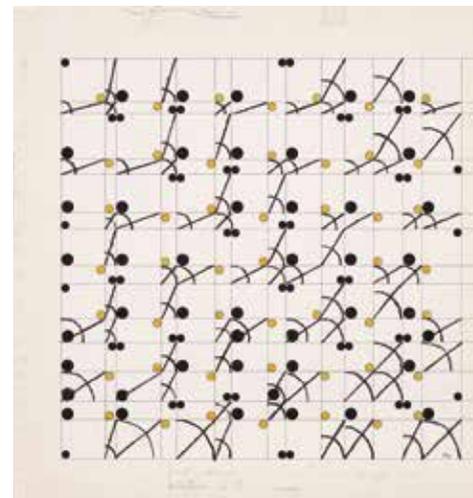
**Sem título**, 1970

Tinta-da-china sobre papel

51,7 × 42 cm

Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,  
Porto. Aquisição em 2017

16



**Jorge Pinheiro**

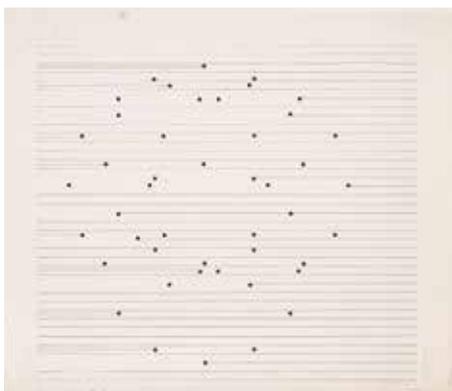
**Sem título**, 1972

Tinta-da-china, lápis de cor e autocolantes sobre papel

33 × 33 cm

Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,  
Porto. Aquisição em 2017

17



**Jorge Pinheiro**

**Sem título**, 1970

Tinta-da-china e autocolantes sobre papel

40 × 45 cm

Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,  
Porto. Aquisição em 2017



**Jorge Pinheiro**

**Sem título**, 1972-73

Tinta-da-china sobre papel

38,7 × 52 cm

Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,  
Porto. Aquisição em 2017



**Jorge Pinheiro**

**Partitura para um canto livre**, 1976

Pautas de música, estantes (7 elementos)

30 × 41,5 cm (cada elemento)

Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto. Doação do artista em 1997



**Pedro Tudela**

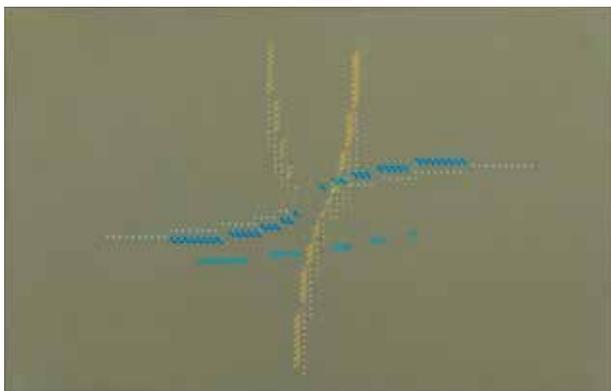
**A idade do cacifo**, 1997

Cacifo em alumínio, som

160 × 34,5 × 40 cm

Col. Banco Privado Português, S.A. — Em Liquidação, em depósito na Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto. Depósito em 1999

18



**Jorge Pinheiro**

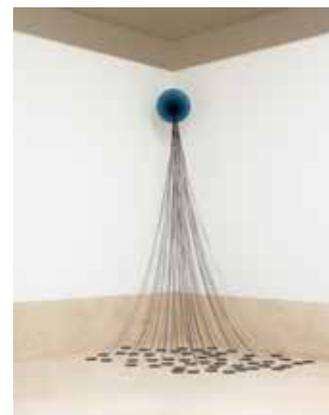
**Mensagem Inequivoca VI**, 1977

Tinta acrílica sobre tela

120 × 190 cm

Coleção de Arte Contemporânea do Estado, em depósito na Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto. Depósito em 1990

19



**Pedro Tudela**

**Rastos**, 1997-98

Metal, plástico, cintas magnéticas

Dimensões variáveis

Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição em 1998



**Pedro Tudela**

**Sem título (da série >e(c(o<), 2019**

Guarita de madeira, tinta, cabo de aço, vidro, altifalantes, cabo áudio, som

Dimensões variáveis

Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição em 2020

20



**Pedro Tudela**

**~~~~~**, 2024

Fundição e ferragens em latão

29,5 × 16 cm

Cortesia do artista

**Pedro Tudela**  
**A idade do cacifo, 1997**



The exhibition *echoes, traces, rhythms* establishes a dialogue between the work of Jorge Pinheiro (Coimbra, Portugal, 1931) and Pedro Tudela (Viseu, Portugal, 1962), two artists from different generations with distinct artistic languages. Developed between painting, drawing, sculpture and installation, their practices touch at key points. Echoes, traces and rhythms suggest dialogical relationships of circularity, reciprocity, sequence, gradation and contrast. The exhibition is structured around these relational mechanisms, revealing how both artists translate sound and silence as point and line, object and concept, time and space.

Conceived in collaboration with the artists, the exhibition presents works by Jorge Pinheiro from the 1970s alongside Pedro Tudela's installations dating from the late 1990s to the present day. Through compositional structures based on geometrical and sound modulations, as well as graphic and musical notations that permeate both artists' practices, sound and drawing are developed in tandem as forms of action and communication.

Jorge Pinheiro is recognised as an essential figure in the Portuguese art scene of the second half of the twentieth century. In 1968, he integrated the famous group known as Os Quatro Vintes [The Four Twenties], together with Ângelo de Sousa, Armando Alves e José Rodrigues<sup>1</sup>. With a career spanning more than five decades, Jorge Pinheiro has developed a diverse body of work of remarkable theoretical and formal rigour, in which figurative painting and geometrical abstraction coexist. Based on mathematical and semiotic principles, his work is particularly inspired by the Fibonacci sequence, where each successive number results from the sum of the two preceding ones. His sophisticated

<sup>1</sup> Ângelo de Sousa (Maputo, Mozambique, 1938–Porto, Portugal, 2011), Armando Alves (Estremoz, Portugal, 1935) e José Rodrigues (Luanda, Angola, 1936–Porto, Portugal, 2016).

geometrical compositions and high-contrast patterns reflect a thorough exploration of rhythm and seriality, and their formal and conceptual developments mirror the artist's interest in music and logic.

The exhibition presents a group of abstract works by Jorge Pinheiro that include drawing, painting and installation, revealing the compositional vocabulary that underpins his entire work. In the late 1970s and early 1980s, Pinheiro returned to figuration. Yet, beyond the poetic, metaphorical and political dimension of his figurative painting, the rigorous geometrical construction that guides his abstract work remains as an underlying foundational element, demonstrating the profound conceptual coherence of his multifaceted artistic production.

Starting his career in painting in the 1980s, Pedro Tudela has since developed a multidisciplinary practice that combines drawing, sculpture, photography, installation, sound, video, performance and experimental electronic music. Despite the formal inflections that have marked different periods of his work, his first solo exhibition—entitled *Desenho/Performance* [Drawing/Performance] (1984), during which he drew his silhouette on the gallery walls and floor—revealed aspects that permeate his work until today: an ongoing impulse for action, strong spatial acuity and a direct relationship with the body, sometimes explicitly present, sometimes subtly invoked through a gesture, sound, drawing or object.

From the early 1990s onwards, sound has played a central role in Tudela's practice as he explored its conceptual, graphic, material and spatial plasticity, making use of different mechanisms, objects and actions. The materials and devices that give shape to his work are used in both a functional and iconographic way. Whether directly linked to sound production and diffusion (as is the case with the

loudspeakers, bells, tape recorders, audio cables and musical scores present in the exhibition) or everyday objects appropriated or adapted for a certain purpose, which carry the memory of their common use.

Since 2000, alongside his individual artistic, teaching and set design practices, Tudela has maintained a fruitful collaboration with Miguel Carvalhais as part of the collective project @c, which involves the creation of performances, compositions, installations and editions of electronic music and sound art, combined with experimental uses of different computational systems. This exhibition stems precisely from a performance by @c<sup>2</sup> conceived in dialogue with a work by Jorge Pinheiro, based on conceptual and geometrical modulations that bridge their practices.

Jorge Pinheiro's famous album of prints *Quinze ensaios sobre um tema ou Pitágoras jogando xadrez com Marcel Duchamp* [Fifteen essays on a theme or Pythagoras playing chess with Marcel Duchamp] (1975), which is represented in the exhibition by one of its original drawings, *Untitled* (1972–73), provided a fruitful starting point for this exhibition, revealing conceptual and formal precepts central to Pinheiro's practice that resonate with Pedro Tudela's artistic research. In this series, Pinheiro radically explores the infinite possibilities of geometrical abstraction, using a restricted set of graphic elements—dots, straight lines and arcs—to create rhythmic compositions based on the Fibonacci sequence. 'I am almost like a computer', states the artist, 'once data has been inserted, I accept the results'<sup>3</sup>. By adopting a mathematical

2 Performance by the collective @c, in collaboration with André Rangel in December 2022 at the Convento Corpus Christi, in Vila Nova de Gaia, created for the festival *Tempos Cruzados* associated with the exhibition *Jorge Pinheiro: Obras da Coleção de Serralves* displayed in the same space.

3 An interview with Jorge Pinheiro, conducted by Nuno Faria and João Pinharanda, 'O Tempo é o Tema', in *Jorge Pinheiro, 1961–2001*, vol. 2, exh. cat., Lisbon: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p. 28.

matrix in his compositions, Pinheiro challenged artistic conventions of authorship, creative freedom and virtuosity, in keeping with the conceptual experiments of that time. The title of the work associates Pythagoras, a fundamental reference in mathematics, with Marcel Duchamp, a key figure in twentieth-century art, creator of the *ready-made*<sup>4</sup>, a proponent of automatism and a precursor of conceptual art, also known to be an excellent chess player—the quintessential cerebral game, based on the calculation of possibilities.

Although they present a distinct cadence, according to specific meshes and patterns, Jorge Pinheiro's *Untitled* drawings from 1970 and 1972 follow a similar structure, defined by dots, straight lines and semi-circles drawn with a graph pencil or pen, also including small round stickers. The use of these minuscule black dots—also ready-made elements—is not by chance, drawing on their elemental, unitary and indivisible nature. Based on the idea of the existential graph developed by Charles Sanders Peirce, Pinheiro recognises the dot as the sign of 'primariness', finding in its geometrical alphabet a parallel with the basic structure of language: 'The minimum elements that I use (dots, arcs of circles, segments of a straight line) are graphs (...). Perhaps they function in the same way as phonemes function in speech.'<sup>5</sup> This structural relationship with both written and spoken language appears as a recurrent theme in the dialogue between Pinheiro and Tudela.

4 The term ready-made, or, in French, *objet trouvé* [found object], was coined by Marcel Duchamp (Blainville-Crevon, 1887–Neuilly-sur-Seine, France, 1968) to describe objects from everyday life appropriated by the artist and presented as works of art, sometimes without any alteration.

5 Jorge Pinheiro, op. cit., p. 30. Charles Sanders Peirce (Cambridge, 1839–Milford, USA, 1914) was an American philosopher, linguist and mathematician, famous for his contributions to the fields of logic and semiotics.

The installation from the series *>e(c(o<* (2019) by Pedro Tudela, presented together with these drawings, explores semantic ramifications of the term ‘eco’ (echo), as a repetition of a sound reflected by a body and as a suffix that expresses the notion of a house, environment and ecology. The title of the series immediately denounces the artist’s interest in the nuances of language, assuming a formulation that is close to visual poetry, graphically mirroring the reverberating effects of sound. Composed of a sentry box and a megaphone, the installation establishes a sensory experience, echoing an audible composition produced from the sounds of dripping water and alluding to the circularity of our unbalanced environment. Inside this shelter—a place of protection and isolation—hangs a glass bell, an object that is also present in other works by this artist, whose pendular sound is almost entirely pure, represented mathematically by a symmetrical, constant and infinite sine wave. Tudela has explored the sine curve in the same way as Pinheiro makes use of the Fibonacci progression: as an unlimited matrix that governs a multiplicity of plastic variations.

The most recent work in the exhibition, *~~~~~* (2024), presented in the same space, also associates the sinuosity of sound waves with the plasticity of writing and the organic patterns found in nature. From a small curved branch, used as a mould and replicated in brass, the artist creates a meandering musical pentagram suspended on the wall, a recurring element in Tudela’s work that brings together central aspects of his practice: gesture, sound composition and drawing.

The lower floors of Galeria Solar da Porta dos Figos display works relating to different communication systems. Conceived at a turning point in Pedro Tudela’s artistic path, the installation *Rastos* [Traces] (1997–98) marks his approach to the world of sound, even though it remains mute. The megaphone mounted on the wall does not emit any

noise and the magnetic tapes that are projected from it (or absorbed by it) are still unrecorded, containing only silence. *Rastos* unites a point of arrival to a point of departure, without clarifying either their origin or destination. Inverting both function and meaning, it projects sound as a visible signal and stores silence, alluding to the cacophony of a world saturated with information. The painting *Mensagem Inequivoca VI* [Unequivocal Message VI] (1977), also structured in accordance with the Fibonacci sequence, dates from the end of the abstract phase that marked Jorge Pinheiro’s artistic path during the 1970s, at a time when his work, composed until then solely of ‘phonemes’, finally began ‘to try to “say things”’<sup>6</sup>. Complex graphic structures, formed through a chain of elemental forms, evoke the x and y axes and the dynamic movement of musical compositions, without allowing us, however, to effectively decipher their hidden message.

Lastly, the exhibition also features two works that highlight the experimental and disruptive nature of the artists’ practices. Presented in 1977 at the famous exhibition *Alternativa Zero — Tendências Polémicas na Arte Portuguesa Contemporânea* [Alternative Zero—Controversial Tendencies in Contemporary Portuguese Art] in 1977, *Partitura para um canto livre* [Musical Score for a Free Form Song] (1976) by Jorge Pinheiro is composed of seven music stands and scores arranged in a semi-circle. The scores contain only a set of perforated tapes used in old sound recorders: it appears to be yet another secret composition, or, perhaps, a message open to interpretation, created at a time of celebration and vindication of freedom. In Pedro Tudela’s *A idade do cacifo* [The Age of the Locker] (1997), we hear noises of a body struggling to free itself from the seclusion to which it is condemned. Its disquieting nature is palpable,

<sup>6</sup> Jorge Pinheiro, op. cit., p. 45.

stemming from a word play that alludes to adolescence to invoke a moment of discomfort and emancipation, and reconsiders *the art of fugue*.

Altogether, the exhibition reveals how the rhythm that animates the works of Jorge Pinheiro and Pedro Tudela is multiplied as visual and sound vibration, between the conceptual rigour and the experimental impulse that define their practices.

**Jorge Pinheiro**  
**Partitura para um canto livre** (1 de 7 elementos), 1976



## LER READ

Marcel Duchamp, "The Creative Act", *artnews*, vol. 56, n.º 4, 1957  
Lucy Lippard, *Six Years: The Dematerialization of the Art Object from 1966 to 1972*, Nova Iorque: Praeger Publishers, 1973  
Os Quatro Vintes, cat. exp., Porto: Árvore — Cooperativa de Actividades Artísticas, 1989  
Pedro Tudela: *Rastos*, cat. exp., Vila Nova de Famalicão: Fundação Cupertino de Miranda, 1997  
Jorge Pinheiro, 1961 – 2001, cat. exp., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, 2002  
Pedro Tudela: *Sobre*, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 2004  
Ana Hatherly, *463 Tisanas*, Lisboa: Quimera, 2006  
Jorge Pinheiro: *a não-figuração nos anos 70, trabalhos escolhidos*, cat. exp., Lisboa: Galeria João Esteves de Oliveira, 2008  
Serralves 2009: *A Coleção*, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 2009  
Pedro Tudela: *Esquírola*, cat. exp., Guimarães: Centro Cultural Vila Flor, 2014  
Jorge Pinheiro: *D'après Fibonacci e as coisas lá fora*, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 2017  
Pedro Tudela & Miguel Carvalhais, *Installations / Instalações*, Porto: Crónica, 2022

## VER SEE

Man Ray, *Le Retour à la raison*, 1923  
Len Lye, *Colour Box*, 1935  
E. M. de Melo e Castro, *Música Negativa*, 1965–77  
Trisha Brown, *Primary Accumulation*, 1972  
Ângelo de Sousa, *Ribeiro*, 1973  
Chantal Akerman, *Jeanne Dielman, 23, quai du Commerce, 1080 Bruxelles*, 1976  
Silvestre Pestana, *Computer Poem para Spectrum dedicado a Julian Beck*, 1983  
Steve Barron, *Electric Dreams*, 1984  
Darren Aronofsky, *Pi*, 1998  
Christian Marclay, *The Clock*, 2010  
Pedro Tudela, *DípticCinamatic#291*, 2020  
Wim Wenders, *Perfect Days*, 2023

## OUVIR LISTEN

Johann Sebastian Bach, *A Arte da Fuga BWV 1080*, c. 1742  
Clara Schumann, *Trio para Piano em Sol menor, Op. 17*, 1846  
Arnold Schönberg, *Variações para Orquestra, Op. 31*, 1926–28  
Pierre Schaeffer, *Sinfonia para um Homem Só*, 1950  
John Cage, *4'33"*, 1952  
Filipe Pires, *Figurations III*, 1969  
Max Neuhaus, *Times Square*, 1977  
Telectu, *Belzebu*, 1983  
Éliane Radigue, *Kyema*, 1990  
Isabel Soveral, *Anamorphoses III*, 1995  
Pedro Tudela, *Là Où Je Dors*, 2003  
Maïle Colbert, *Doors and Doors and Corridors*, 2015  
*@c, Espaço, Pausa, Repetição*, 2019  
Pedro Tudela, *Auditório*, 2020  
Moritz von Oswald, *Silencio*, 2023

A Coleção de Serralves centra-se na arte contemporânea produzida desde os anos 1960 até à atualidade, distinguindo-se pela perspetiva internacional que proporciona sobre a arte portuguesa produzida a partir desse período histórico de mudanças políticas, sociais e culturais a nível planetário. Cumprindo o seu programa de pesquisa e desenvolvimento permanentes, a Coleção de Serralves mantém uma aturada atenção à criação do século XXI, em particular à relação das artes visuais com a performance, a arquitetura e a contemporaneidade no âmbito de um presente pós-colonial e globalizado.

A Coleção de Serralves integra obras que são propriedade da Fundação de Serralves, incluindo um importante núcleo de livros e edições de artistas, e obras provenientes de várias coleções privadas e públicas que foram objeto de depósitos de longo prazo. De entre os acervos depositados em Serralves, que constituíram pontos de referência para o seu desenvolvimento, contam-se a Coleção de Arte Contemporânea do Estado (CACE) e a coleção da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD).

A presente mostra integra-se no programa de exposições e apresentação de obras da Coleção de Serralves, especificamente selecionadas para os locais de exposição com o objetivo de tornar o acervo acessível a públicos diversificados de todas as regiões do país.

The Serralves Collection focuses on contemporary art spanning from the 1960s to the present, offering an international perspective on Portuguese art since that historical period, which was marked by worldwide political, social and cultural change. In line with its continuous research and development programme, the Serralves Collection follows attentively the developments in twenty-first century creation, particularly in regard to the relationship between the visual arts and performance, architecture and contemporaneity in the context of a post-colonial, globalised present.

The Serralves Collection includes works that belong to the Serralves Foundation, including a significant corpus of artists' books and publications, as well as works on long-term loan from several public and private collections, which were crucial references for its formation, such as the Portuguese State Contemporary Art Collection (CACE) and the Luso-American Development Foundation (FLAD) Collection.

*echoes, traces, rhythms* is part of a programme of exhibitions and presentation of artworks from the Serralves Collection that are specifically selected for each location with the purpose of making the collection accessible to the public across all regions in the country.

# SERRALVES

A exposição *ecos, rastos, ritmos* estabelece um diálogo entre o trabalho de Jorge Pinheiro e Pedro Tudela, artistas de diferentes gerações com linguagens plásticas muito distintas que se tocam em pontos-chave. Patente na Galeria Solar da Porta dos Figos — Casa do Artista, a exposição reúne pintura, desenho, escultura e instalação sonora, apresentando obras de Jorge Pinheiro da década de 1970 em paralelo com trabalhos de Pedro Tudela dos anos 1990 até à atualidade, revelando como os artistas materializam o som e o silêncio enquanto ponto e linha, objeto e conceito, tempo e espaço.

The exhibition *echoes, traces, rhythms* establishes a dialogue between the work of Jorge Pinheiro and Pedro Tudela, artists from different generations with very distinct practices that intersect at fundamental levels. On view at Galeria Solar da Porta dos Figos—Casa do Artista, the exhibition brings together painting, drawing, sculpture and sound installation, featuring works by Jorge Pinheiro from the 1970s alongside works by Pedro Tudela from the 1990s to the present day, revealing how the artists materialise sound and silence as point and line, object and concept, time and space.

[www.serralves.pt](http://www.serralves.pt)



ZIGURFEST

---

**GALERIA SOLAR DA PORTA DOS FIGOS — CASA DO ARTISTA**  
Rua do Castelo, 17, 5100-127 Lamego

**CONTACTOS CONTACTS**  
+351 254 609 694 | [geral@cm-lamego.pt](mailto:geral@cm-lamego.pt) | [www.cm-lamego.pt](http://www.cm-lamego.pt)

**HORÁRIO SCHEDULE**  
Terça a domingo Tuesday to Sunday: 10h00 – 18h00

---

Apoio Institucional  
Institutional Support



---

FUNDAÇÃO DE SERRALVES — MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA